

A incrível história da galerista que descobriu Rothko e Reinhardt



A lista das aventuras e realizações de Betty Parsons é imensa.

Como galerista, ela deu a Jackson Pollock, e uma miríade de outros expressionistas abstratos, algumas de suas mostras mais antigas. Como espírito livre magnético, ela jogou tênis com Greta Garbo e dançou semanalmente com Alexander Calder “para o exercício”. Ela encabeçou a cabeça com boinas, levou amantes como Josephine Baker e viajou o mundo várias vezes.

A história da arte lembrou Parsons para todos esses traços e triunfos. Mas o aspecto da experiência de Parsons que a deixou mais feliz foi ignorado em grande parte: sua própria arte.

“Quando eu não estou na galeria, minha própria arte é o meu relaxamento”, disse Parsons em uma entrevista de 1977 publicada na Art in America . “Essa é a minha maior alegria”.

O trabalho da Parsons é atualmente o assunto de uma retrospectiva de Nova York, fascinante e atrasada, “Presença invisível”, vista em Alexander Gray Associates até o dia 14 de julho. Celebra sua prática experimental com uma seleção de esculturas e pinturas que fez entre 1922, quando tinha 22 anos e 1981. Para Parsons, sua vida como artista antecedeu sua carreira de galerista e continuou – sem pausa – até sua morte em 1982.

“Estamos tentando entender a Betty Parsons, o artista, além de seu papel como um ótimo revendedor”, explica Alejandro Jassan, diretor associado da Alexander Gray Associates, da motivação para o show. “Muitas pessoas não sabem que ela era pintora e muito prolífica e boa”.

A galeria começou a representar a propriedade de Parsons em maio. “Presença invisível” é a primeira das esperanças de muitos shows para descobrir sua saída vasta e inspirada -, além de conectar pontos significativos entre sua prática pessoal e seu papel como capitão da arte moderna.

Parsons nasceu Betty Bierne Pierson em 1900 para uma família rica em Nova York. Aos 13 anos, ela já estava mostrando sinais de rebelião do papel de debutante da alta sociedade que deveria assumir. Depois de visitar o notório 1932 Armory Show – onde obras de Matisse e Duchamp escandalizaram o público americano – ela resolveu se tornar uma artista.

Para Parsons, a arte radical que ela viu capturou um “espírito novo”, uma frase que duplicou como seu mantra adolescente. Em uma entrevista, ela relatou pegando-se repetindo “Eu sou o novo espírito” enquanto ela caminhava pela Quinta Avenida.

Sua viagem ao Armory Show provocou um período de aulas com Gutzon Borglum, o artista mais conhecido como o escultor infame de Mount Rushmore . Mas os estudos de arte de Parsons diminuíram quando ela se casou com a socialite Schuyler Livingston Parsons em 1919. Foi uma união infeliz, e em 1922 ela chegou a Paris. Lá, ela se divorciou de seu marido e se inscreveu para aulas de escultura na Academia de la Grande Chaumière de Antoine Bourdelle, onde esfregou os cotovelos com Alberto Giacometti .

Duas esculturas em “Presença invisível” emergiram desse tempo fértil na vida de Parsons: pequenos bronzes que retratam uma figura masculina e um gato pequeno. Mas seu estilo se transformou significativamente nos anos que se seguiram. Em primeiro lugar, seu foco voltou-se para retratos e pinturas de paisagem soltas e vivas, que gradualmente se transformaram em formas turbulentas. O show dá espaço a todas essas facetas do trabalho de Parsons, e no processo, destaca seu apetite implacável pela experimentação.

A vida de Parsons, de fato, evoluiu como uma cadeia de aventuras em territórios inexplorados, seja geográfica, social ou estética. “Eu nasci com um amor do que não é familiar”, falaram Parsons. “Quando vejo algo que não consigo me relacionar, estou fascinado”.

Esta paixão pelo inovador e incomum surgiu em seu próprio trabalho e nas paredes de sua galeria, que ela abriu em 1946 na 57th Street, em Manhattan. Lá, ela forneceu a primeira barra de lançamento para “Four Horsemen” do Expressionismo abstrato, como Parsons batizou Pollock, Mark Rothko, Barnett Newman e Clyfford Still, em um momento em que alguns outros ousaram mostrar seu trabalho insurgente.

Ela também foi uma das primeiras galeristas americanas a representar mulheres, artistas afro-americanos, latino-americanos e asiáticos, como Agnes Martin, Louise Nevelson, Thomas Sills, José Bernal, Roberto Matta e Kenzo Okada. “Em termos de minhas galerias, nunca pensei se o artista era um homem ou uma mulher”, disse ela em uma entrevista de 1977. “Eu sempre pensei:” Eles são bons ou não bons? ”

Mas Parsons nunca trouxe seu próprio trabalho para a dobra de sua galeria, apesar do encorajamento dos artistas que ela representava. Quando Ad Reinhardt a cutucou para mostrar na galeria, ela retrucou com um típico humor auto-depreciativo: “Eu não quero mostrar na galeria. Há bastante Betty Parsons acontecendo com todos vocês.

Reinhardt respondeu insistentemente: “Você vai embora; Faça uma viagem e vou mostrar o seu trabalho e vendê-lo. Você é muito melhor do que a maioria dos artistas que você tem.

As pinturas feitas por Parsons durante seus anos, como uma galerista, constituem a maior parte da “Presença invisível”. Eles hospedam constelações, formas orgânicas e rajadas de linhas brilhantes, que ocasionalmente sugerem formas, lugares e conceitos. Em Journey (1975), passagens de rosa e azul hiper-saturados atravessam um campo de laranja queimado, como um oásis espumante descoberto no final de uma longa peregrinação ou o surgimento da felicidade após um longo período de melancolia. Flame (1967) é igualmente alegre. Os seus anéis concêntricos ondulantes, que se assemelham às dobras de uma vagina ou campos de energia, parecem vibrar com uma força invisível.

Juntos, o grupo de telas tardias evidencia a investigação apaixonada de Parsons sobre como as formas abstratas podem aproveitar a emoção, desde impulsos sexuais quentes até a serenidade há muito aguardada.

Em meados da década de 1970, Parsons também voltou a fazer escultura, seu primeiro meio. Reunindo flotsam e jetsam na praia adjacente ao estúdio Long Island, onde passou quase todos os fins de semana a partir de 1959, tornou-se um ritual. Ela montaria esses despojos em esculturas pequenas que se assemelhavam a objetos rituais, máscaras e casas em miniatura.

Essas obras são mais do que a canção de cisne de Parsons (ela as fez até sua morte em 1982). Eles também são seu trabalho mais inovador e íntimo. Neles, ela combina objetos obtidos da paisagem de Long Island que não só se tornou seu refúgio da vida frenética e itinerante de uma proeminente galerista, mas também do santuário silencioso onde ela fazia o que gostava de fazer melhor: fazer arte.

“Eu prefiro pintar do que respirar”, disse Parsons uma vez. “Não me importo se alguém veja o que eu faço ... A pintura é parte de mim”.

Provavelmente, o trabalho de Parsons é a parte mais importante dela. E, com “Presença invisível”, parece que o mundo da arte está finalmente no caminho para reconhecer isso – e gravando a vida de Parson como um artista indelével em seu legado.

